

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

A história do homem é marcada pela
coexistência de múltiplas culturas. Essa
variedade é muito importante, pois
observando as práticas e tradições de
outros povos somos levados a refletir
sobre a *solidariedade* à qual pertencemos.
Atenas, será que são gratuitas as diferentes
formas de organizar a vida social, de
conceber e expressar a realidade?

Atena
Editora
Ano 2021

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

A história do homem é marcada pela
coexistência de múltiplas culturas. Essa
variedade é muito importante, pois
observando as práticas e tradições de
outros povos somos levados a refletir
sobre a *coletividade* à qual pertencemos.
Atena, será que são gratuitas as diferentes
formas de organizar a vida social, de
conceber e expressar a realidade?

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa

Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

- Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliã Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

História: sujeitos, teorias e temporalidades 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: sujeitos, teorias e temporalidades 2 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-967-7

DOI 10.22533/at.ed.677211904

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Mais uma obra organizada pela Atena Editora centrada nas produções científicas historiográficas do Brasil e do mundo. Por conter capítulos em língua estrangeira, a obra foi dividida entre pesquisas brasileiras e pesquisas internacionais.

As pesquisas giram em torno dos mais diversos temas, com recortes teóricos, metodológicos, espaciais e temporais amplos: desde questões relacionadas ao medievo, à capítulos sobre terras indígenas e os conflitos aí presentes. São trabalhos sobre composições arquitetônicas, conflitos no Brasil (sobre demarcações de terras indígenas, sobre a construção da hidrelétrica do São Francisco, por exemplo), sobre cultura material e imaterial. Além de abordagens sobre memória, identidade, imaginário, história oral, museus, tecnologia e ciência.

Nesta obra somos apresentadas/os a termos como *queenship*, SAT e estudo sobre a tradição Védica.

Convido vocês a começarem pela leitura de “*Odeio Paulo Freire e aquele seu conceito humanista*”, de Antônio Carlos da Rocha, um capítulo que pode despertar um receio pelo título, porém, que trata dos recentes discursos de ódio presentes na sociedade brasileira, proferidos contra profissionais da educação, sobretudo atacando o patrono da educação: Paulo Freire. Começar uma obra com este capítulo é nos colocar política e socialmente contra tais discursos e reafirmar o papel da ciência e importância de estudos como os aqui presentes.

Para além de pesquisas relacionadas à educação e aos demais temas já previamente citados, você também encontra na segunda parte da obra capítulos em espanhol sobre comércio local e disputas urbanas.

Boa leitura!

Aline Ferreira Antunes
Brasília, março de 2021

SUMÁRIO

PARTE I: PESQUISAS BRASILEIRAS

CAPÍTULO 1	1
ODEIO PAULO FREIRE E AQUELE SEU CONCEITO HUMANISTA <i>Antônio Carlos da Rocha</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119041	
CAPÍTULO 2	12
REFLEXÕES SOBRE ALGUMAS CONVERGÊNCIAS ENTRE ARTE COMO IDEIA, INTERDISCIPLINARIDADE E AS NOVAS TECNOLOGIAS <i>Italo Bruno Alves</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119042	
CAPÍTULO 3	19
A INTERDISCIPLINARIDADE E A LÓGICA DIFUSA <i>Maria Cristina de Oliveira Cardoso</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119043	
CAPÍTULO 4	28
BELEZA QUE INSPIRA E ORNAMENTA (1927-1929): O GÊNERO FEMININO NO PROGRESSO RIO-PRETENSE <i>Vinicius Silva</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119044	
CAPÍTULO 5	39
DA CAATINGA AO SERINGAL: LINGUAGEM, PODER, E PROPAGANDA NO ADVENTO DA BATALHA DA BORRACHA (1942-1945) <i>Francisco Marquelineo Santana</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119045	
CAPÍTULO 6	47
COMPOSIÇÃO ARQUITETÔNICA DE RAPHAEL ARCURI DE 1913 A 1930: ESTUDOS DOS ELEMENTOS DO ART NOUVEAU NA ARQUITETURA ECLÉTICA DE RAPHAEL ARCURI EM JUIZ DE FORA <i>Jonas Tadeu Ferreira</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119046	
CAPÍTULO 7	59
USO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA E IMAGENS AÉREAS NA CARACTERIZAÇÃO DA HISTÓRIA AMBIENTAL DE PARATY, BRASIL, NOS SÉCULOS XX E XXI <i>Rodrigo Zambrotti Pinaud</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119047	

CAPÍTULO 8	76
ALIANZAS COMUNITARIAS Y ECOLÓGICAS DE PAZ EN PUEBLO BELLO, TURBO	
Carlos Alberto Builes Tobón	
María Eulalia García Marín	
Samir Ahmed Dasuky Quiceno	
Polina Golovátina-Mora	
Yesenia Luna Oviedo	
Denisse Roca-Servat	
DOI 10.22533/at.ed.6772119048	
CAPÍTULO 9	92
CONFLITOS INTERNOS: DESDOBRAMENTOS SOCIAIS NA CIDADE DE PIRANHAS/AL EM DETRIMENTO DA INTERVENÇÃO DA CHESF (1980/2000)	
Monielly Suelen Gomes Barboza	
DOI 10.22533/at.ed.6772119049	
CAPÍTULO 10	101
INVENTÁRIO DA CULTURA MATERIAL E IMATERIAL DOS IMIGRANTES ITALIANOS NA ANTIGA COLÔNIA PAIOL GRANDE – RS	
Graziela Vitória Donin	
DOI 10.22533/at.ed.67721190410	
CAPÍTULO 11	116
DELEUZE, FILOSOFIA E ARTE	
Ana Beatriz Rodrigues de Britto	
DOI 10.22533/at.ed.67721190411	
CAPÍTULO 12	130
DEMARCAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E A PERCEPÇÃO DO POVO PURUBORÁ	
José Joaci Barboza	
Adriane Pesovento	
Gisele de Oliveira Montanha	
DOI 10.22533/at.ed.67721190412	
CAPÍTULO 13	147
DOWN HOUSE, A CASA DE CHARLES DARWIN: A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DAS CASAS-MUSEUS	
Sílvia Sobral Costa	
João Bosco Ferreira Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.67721190413	
CAPÍTULO 14	165
NOTAS HISTÓRICAS DO DISTRITO DE MARRECA, NO CEARÁ: DOS ÍNDIOS JUCÁS AO CAFÉ DAS PRIMAS	
João Alcimo Viana Lima	
DOI 10.22533/at.ed.67721190414	

CAPÍTULO 15	178
“DECAÍDAS”, “EMBRIAGADAS” E “RAIVOSAS”: A REPRESENTAÇÃO DA PROSTITUTA NA CIDADE DE SALVADOR (1960- 1978)	
Amanda Santos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67721190415	
CAPÍTULO 16	189
VIDA, NATUREZA, LITERATURA E LÍNGUAS AMERICANAS NA REFLEXÃO DE JOSÉ DE ALENCAR	
Valdeci Rezende Borges	
DOI 10.22533/at.ed.67721190416	
CAPÍTULO 17	199
DUAS HISTÓRIAS DE HARDWARE E SOFTWARE COMO SUPORTE AO DESENVOLVIMENTO DA COMPUTAÇÃO BRASILEIRA	
Marcia de Oliveira Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.67721190417	
CAPÍTULO 18	211
HISTÓRIA DA CIÊNCIA MEDIEVAL EM PERSPECTIVA - A CONTINUIDADE EM EDWARD GRANT	
Luiz Cambraia Karat Gouvêa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67721190418	
CAPÍTULO 19	220
<i>QUEENSHIP</i> : CONSIDERAÇÕES SOBRE UM CONCEITO	
Danielle de Oliveira dos Santos-Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67721190419	
CAPÍTULO 20	232
SAT: DA REALIDADE	
Alina Silva Sousa de Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.67721190420	
CAPÍTULO 21	241
VESTUÁRIO E GÊNERO: NOTAS SOBRE BINARIDADE NA HISTÓRIA DA INDUMENTÁRIA	
Valdecir Babinski Júnior	
Daiane Evangelista Vieira de Matos	
Lino Gabriel Nascimento dos Santos	
Camila Leithold	
Helena Kappaun	
Lua Pessatto da Silva Burtet	
Sabrina Lopes Bueno	
Vitória Baratto Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.67721190421	

CAPÍTULO 22	254
AS REPRESENTAÇÕES DA AMÉRICA NO PERIÓDICO O UNIVERSAL, 1825-1842 João Eduardo Jardim Filho DOI 10.22533/at.ed.67721190422	
PARTE II: PESQUISAS ESTRANGEIRAS	
CAPÍTULO 23	268
EL FRISO DEL COMERCIO LOCAL Jordi Sardà Ferran Josep M. Solé Gras Pau de Solà-Morales DOI 10.22533/at.ed.67721190423	
CAPÍTULO 24	288
LA CIUDAD IDEAL VS. LA CRÓNICA URBANA Jordi Sardà Ferran Josep M. Solé Gras Anna Royo Bareng DOI 10.22533/at.ed.67721190424	
CAPÍTULO 25	307
LOS IDEALES DE COMODIDAD Y ASPECTO PÚBLICO EN EL URBANISMO ILUSTRADO ESPAÑOL E HISPANOAMERICANO Ricardo Anguita Cantero DOI 10.22533/at.ed.67721190425	
SOBRE A ORGANIZADORA	317
ÍNDICE REMISSIVO	318

CAPÍTULO 11

DELEUZE, FILOSOFIA E ARTE

Data de aceite: 01/04/2021

Data de submissão: 29/12/2020

Ana Beatriz Rodrigues de Britto

Pós-Graduação em História Social da Cultura –
PUC-Rio Mestrado. Bolsa CAPES/PROSUP

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo demonstrar a diferença da filosofia de Deleuze em oposição a filosofia tradicional, que segundo Deleuze inibe a criação, pois funcionaria como máquina repressora do pensamento. A filosofia seria criação de conceitos e produção de problemas que não surgem da contemplação, mas da conexão com outro pensamento. E o pensamento começa quando algo violenta a sensibilidade e escapa as coordenadas convencionais. O afeto é que move a sensibilidade criadora. O pensamento começa, então, violentado, forçado a pensar algo que ainda não foi pensado. Pensar sem pressupostos quando a unidade do senso comum é quebrada. Pensar é potência que precisa de um encontro e o pensador precisa de um intercessor. E a filosofia e a arte são fenômenos raros que determinam novas possibilidades, novos campos de experiência.

PALAVRAS-CHAVE: Criação, Pensamento, Afeto, Filosofia, Arte.

ABSTRACT: This work intends to demonstrate the difference between Deleuze's philosophy in opposition to traditional philosophy. According

to Deleuze, conventional philosophy prevents creation as it works as a repressive machine of thoughts. Philosophy should be the creation of concepts and production of problems which do not appear under contemplation but as a connexion with another thought. And thoughts begin when something violates sensibility and, then escapes conventional coordinates. Affection is what moves creational sensibility. Then, thought starts violated, forced to think something yet never thought before. Thinking without assumptions in which the unity of common-sense is broken. Thinking is potency that needs an encounter and the thinker needs an intercessor. And we can say that Philosophy and Art are rare phenomena which determine new possibilities, new areas of experience.

KEYWORDS: Creation, Thought, Affection, Philosophy, Art.

Para Deleuze, “a filosofia é criação de conceitos” (*O que é a filosofia?*) e não deve prender-se a transformar tais conceitos em “verdade” como era usual na filosofia tradicional do Ocidente. A tarefa da filosofia realiza-se através de “encontros filosóficos” com questões pelas quais o filósofo se interessa. Deleuze acredita que a reflexão filosófica enseja a criação de novos conceitos inusitados, como no caso da sua filosofia - “diferença”, “repetição”, “rizoma”, “ritorno” entre outros. A filosofia enquanto criação de pensamento que se vale de conceitos deve ser potência criadora comprometida com as experiências da vida em

sua diversidade e seus jogos de força. As principais influências filosóficas de Deleuze foram Nietzsche, Henri Bergson e Spinoza. Assim como Nietzsche cria a personagem-conceito Zarathustra, Deleuze afirma ter criado com Félix Guattari o conceito de “ritornelo” - forma de reterritorialização (povoamento) e desterritorialização e outros conceitos supra-citados que são fundamentais para a compreensão da sua filosofia.

A filosofia de Deleuze é uma filosofia da imanência que se opõe a filosofia baseada na metafísica tradicional que busca verdades absolutas e a transcendência. Segundo Deleuze, não há uma natureza do pensamento. O pensamento não é natural - surge de um encontro filosófico. Na filosofia, não há nada de transcendente, de negação ou de falta, mas uma “conspiração de afetos “ e uma “denúncia radical de poder”. Discute formas de conhecimento, campo não exclusivo da filosofia, e questiona a lógica da representação e a saída das fronteiras do sujeito. A filosofia de Deleuze apresenta caráter extremamente original que procura dar um novo sentido teórico ao filosofar. O seu consiste em textos que podem ser divididos em dois grupos: monografias interpretando filósofos modernos como Spinoza, Leibniz, Hume, Kant, Nietzsche, Bergson, Foucault e estudos de obras de artistas como Proust, Kafka e o pintor Francis Bacon.

Um dos conceitos mais importantes de Deleuze é a “sociedade de controle”. Deleuze formula a teoria de uma nova ordem social que denomina “sociedade de controle”. Para o filósofo, foi na segunda metade do século XX, após a Segunda Guerra Mundial que as sociedades disciplinares pensadas por Foucault deram lugar às sociedades de controle. Nesse momento histórico, surgem forças na sociedade que estabelecem uma nova ordem de controle social. Essas forças identificam-se com mudanças que aconteceram em todo o mundo capitalista, ligadas principalmente às inovações tecnológicas. O uso dessas novas tecnologias para o controle social seria a mais nova expressão do exercício de poder na sociedade contemporânea. Os mecanismos de vigilância aprimoram-se e passam, de um caráter institucional para uma vigilância geral. A proliferação de câmeras de vídeo em muitos espaços sociais, de aparelhos celulares e de comunicação pela internet facilitam o exercício de mecanismos de vigilância e controle cada vez mais eficientes.

Outros conceitos importantes para a filosofia de Deleuze são “diferença” e “repetição”. O pensamento de Deleuze se opõe a filosofia da representação que garante o primado da identidade sobre a diferença. Em *Diferença e repetição* (1968) e na *Lógica do sentido* (1969), Deleuze desenvolve sua concepção filosófica, em uma linha assistemática, problematizando a história da filosofia tradicional, seus pressupostos epistemológicos e ontológicos e propõe uma releitura dessa tradição, sobretudo a partir dos conceitos de identidade e diferença. Deleuze tem seu nome associado à filosofia da diferença, desde que concluiu o doutorado com a sua tese *Diferença e Repetição* (1968), seminal para toda a sua obra.

Cumprido analisar o novo sentido do conceito de “repetição” e “diferença”, desenvolvidos no livro *Diferença e Repetição* (1968). Deleuze aponta que não há

identidade: na repetição, nunca temos como resultado algo idêntico ao original, mesmo na cópia há diferença, há o novo. A filosofia do tempo de Deleuze leva em conta a posição de Bergson e explicita sua forma de pensamento através dos conceitos de imagem-movimento e imagem-tempo. O cinema é a expressão inequívoca de tal conceito. Os vários fotogramas da fita cinematográfica estão para a fotografia como o devir está para o ser. Os fotogramas, ainda que aparentemente idênticos, ao sucederem-se no tempo proporcionam a perspectiva da mudança. Deleuze concebe um mundo onde o estático dá lugar ao dinâmico, o idêntico ao diferente.

A repetição não é concebida, como simples reapresentação do idêntico ao longo de um tempo concebido como pura sequência de instantes iguais. Essa postura, ao adotar a lógica tradicional da repetição, representa um retorno à primazia da identidade, que Deleuze pretende superar. Se a diferença passa a ser concebida como diferença-em-si, cabe novo papel à repetição, que assume o novo e o diferente e não mais o idêntico. Se a diferença é a essência do ser, somente quando os seres se repetem enquanto não idênticos, tal essência é revelada. A repetição é então concebida como a forma pura do tempo que não corresponde mais - nem às manifestações cíclicas da natureza nem à linearidade que recorrendo à memória constrói um tempo presente. Repetição como forma pura do tempo refere-se ao futuro em perspectiva que toma emprestada à Nietzsche - "eterno retorno" - não como desejo de repetição do mesmo, mas como entendimento de reprodução do ser enquanto mudança, enquanto devir.

Um conceito derivado do conceito de diferença é o de "unidade". Para Deleuze, unidade deve ser entendida como um conceito secundário, sob o qual a "diferença", mais fundamental, toma forma e da qual emerge. Trata-se, aqui, de reagir contra a postura da tradição filosófica - platônico-aristotélica - de conceder primazia à identidade relegando a diferença à segundo plano, como sua derivada. Portanto, a ideia de Deleuze é pensar a própria diferença como princípio e o conceito de identidade, como secundário. Diferença em si mesma tornando-se positividade. Assim, já não há unidade ontológica intrínseca a coisa alguma, já que o diferente difere, já de partida, dele mesmo. Seguindo a postura filosófica de Nietzsche, o ser não é, mas torna-se.

"Rizoma" é também um conceito epistemológico fundamental na teoria filosófica de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Segundo o modelo rizomático, a organização dos elementos não segue subordinação hierárquica, mas, ao contrário, qualquer elemento pode afetar ou incidir sobre qualquer outro. Em um modelo arbóreo de organização do conhecimento, como as taxinomias e classificações das ciências, o que os elementos de maior nível afirmam é necessariamente verdadeiro para os elementos subordinados, mas o contrário não é válido. No modelo rizomático, qualquer afirmação que incida sobre algum elemento poderá também incidir sobre outros elementos da estrutura, sem importar sua posição. O rizoma não tem centro, característica que torna-o particularmente interessante na filosofia da ciência e política, e também para a semiótica e as teorias contemporâneas.

“Ritornello” é o conceito que se refere a refrão, forma de reterritorialização (povoamento) e desterritorialização: próprio movimento de passagem, é o próprio sair de seu terreno, criar caminhos. O ritornello aponta para uma possibilidade de fuga de um território, novos encontros, mas ao mesmo tempo, uma “volta para casa” - fechar a porta e depois voltar. Contudo, nunca volta-se para o mesmo território, existe uma tensão permanente que refere-se à mudança constante. O eterno retorno, mesmo que para seu próprio território, é ainda um retorno que se dá na diferença.

Novos conceitos foram criados em colaboração com Felix Guattari. Escreveram o *Anti-Édipo*, questionando os pressupostos da psicanálise de Freud e provocando uma discussão crítica sobre o sentido da teoria freudiana e da prática psicanalítica, visando “liberar o desejo”. Deleuze busca revalorizar o corpo e o desejo, que considera excluídos da discussão filosófica. O desejo se cria, se faz, se expande. E quando o desejo cresce e transborda, toda criação acontece no real porque não há nada além da realidade. Não há negatividade na natureza. Por isso não falta nada ao desejo: todo desejo é produção de realidade. O *Anti-Édipo* confronta à psicanálise freudiana, que segundo o pensamento de Deleuze e Guattari reduz o desejo ao complexo de Édipo, e portanto, à falta de algo. A filosofia de Deleuze é considerada como uma filosofia do desejo.

O *Anti-Édipo* não nega a psicanálise, mas aborda novos caminhos para o estudo do inconsciente e do desejo. Segundo Deleuze e Guattari, *a psicanálise destrói todas as produções de desejo*. Este pensamento seria fruto de nossa sociedade moderna e funcionaria como um aparelho de repressão - agindo diretamente na produção desejanter. Esta produção do sujeito ameaça as estruturas de nossa sociedade, então o capitalismo se apropria do desejo. O complexo de Édipo seria uma organização social capitalista que domestica as “máquinas desejanter” e impede o homem de experimentar. Produzindo um homem dócil, as estruturas sociais permanecem protegidas. Já vimos como o desejo para Deleuze não é falta, é produção, mas o corpo, afastado daquilo que pode, perde sua capacidade revolucionária para aceitar uma vida medíocre. Para Deleuze e Guattari, o desejo é revolucionário, todo desejo é produção do real e transborda para fora do sujeito transformando a realidade. *Para a psicanálise, há sempre desejos demais, ao contrário, consideram que nunca há desejos suficientes*. Pretendem liberar a potência do desejo, pois o inconsciente trata-se antes, de usina e não de “teatro”, impulsionado por máquinas desejanter.

A postura crítica do complexo de Édipo leva Deleuze a dedicar uma parte de sua reflexão à esquizofrenia, pois, segundo eles, o processo esquizofrênico faz o homem experimentar de modo direto as máquinas-desejanter. Tal homem é capaz de satisfazer e explorar as potencialidades do “corpo-sem-órgãos”. Neste ponto, Deleuze e Guattari valorizam a ideia do modelo esquizofrênico. Freud nunca “gostou” dos esquizofrênicos, porque resistem ao Édipo. O esquizofrênico é um nômade, não se deixa capturar, não cria raízes, não se deixa ser interpretado. A experimentação é mais importante que a

interpretação. Ele não se sacia com a repetição, as intensidades lhe são essenciais, este é o único modo de desorganizar-se e criar para si um corpo sem órgãos. O esquizofrênico foge à classificação e à organização do poder, não possui uma conduta gregária: perder-se é encontrar-se, mas sempre com o cuidado de não perder-se definitivamente. Esta é a diferença da esquizofrenia como “doença” e esquizofrenia como “modo de vida”. Deleuze defende o modo de vida da esquizofrenia.

Em “*A Lógica do Sentido*”, Deleuze procura estabelecer uma teoria do sentido a partir da obra de Lewis Carroll que utiliza o pensamento estóico. Lewis Carroll tem admiração pelos estóicos, pois foram iniciadores de uma nova imagem de filósofo e esta imagem está ligada a constituição paradoxal da teoria do sentido. Segundo Deleuze, os estóicos que romperam com os pré-socráticos, os socráticos e os platônicos contribuíram em um dos temas mais complexos da filosofia: a determinação da natureza e da constituição do sentido. O prólogo do livro afirma que o sentido é uma entidade que não existe, ou melhor, que existe mesmo com o não-senso. A partir dessa ideia, expõe um jogo do sentido e não-senso, fazendo a primeira encenação dos paradoxos do sentido. A primeira série de paradoxos de Alice, *Do Puro Devir*, e *Do outro lado do espelho* trata de uma categoria de coisas muito especiais; de acontecimentos puros. O nome Alice; cujo significado em grego quer dizer “a verdadeira” não é escolhido ao acaso. Deleuze diz que quando Alice cresce, torna-se maior do que era e ao mesmo tempo, menor. Pertence a essência do devir avançar nos dois sentidos ao mesmo tempo - Alice não cresce sem ficar menor. O bom senso afirma que em todas as coisas há um sentido determinável, mas o paradoxo dos sentidos, ao contrário é a afirmação dos dois sentidos ao mesmo tempo. Este puro devir - com a sua capacidade de furtar-se ao presente - é a identidade infinita dos dois sentidos ao mesmo tempo, do futuro e do passado, do mais e do menos, da causa e do efeito. Daí a explicação para as inversões que constituem as aventuras de Alice. Todas estas inversões tem uma mesma consequência: a constatação da identidade pessoal de Alice e a perda do seu nome próprio. E é a perda do nome próprio que dá a virada na aventura que se repete através de todas as aventuras de Alice. A razão dessa virada é que o nome próprio garante a permanência de um saber e este saber é encarnado em nomes gerais com uma relação constante. O que acontece quando tudo é puro devir? Toda identidade se perde. O paradoxo destrói o senso comum como designação de identidades fixas.

Na segunda série de paradoxos: *Dos Efeitos de Superfície*, Deleuze irá trabalhar com a noção dos estóicos que distinguiam duas espécies de coisas: os corpos com suas tensões, paixões e os estados de coisas correspondentes. Sendo que o único tempo dos corpos e estados de coisas é o presente, pois o presente vivo é a extensão temporal que acompanha o ato que exprime e mede a ação do agente e a paixão do paciente. Só o presente existe no tempo e reúne e absorve o passado e o futuro, mas só o passado e o futuro insistem no tempo e dividem ao infinito cada presente. Acontecem duas leituras simultâneas do tempo. Os estóicos operam uma leitura radicalmente nova da relação

causal - a unidade das causas entre si se chama Destino na extensão do presente cósmico. Eles desdobram esta relação, refazem uma unidade de cada lado. No começo de Alice procura-se o segredo dos acontecimentos e do devir ilimitado na profundidade da terra, poços que se afundam, misturas de corpos que coexistem. Porém, esses movimentos de mergulho e de soterramento dão lugar a movimentos laterais de deslizamento - de tanto deslizar, passar-se-á para o outro lado, e o outro lado não é senão o sentido inverso. Não há, pois, aventuras de Alice, mas uma aventura: sua ascensão à superfície, desmistificação da falsa profundidade, descoberta de que tudo se passa na fronteira. É diante das árvores, que Alice perde seu nome, é para uma árvore que o amolador de facas fala sem olhar Alice. Qual é a descoberta do sábio estóico? A continuidade do avesso e do direito substitui todos os níveis de profundidade e a superfície plana constitui o caráter de um discurso.

A filosofia que pratica é constituída pela interseção do seu pensamento com filósofos e artistas e cria os conceitos a partir desses encontros em que prevalece a afinidade. Esse é o traço marcante da filosofia de Deleuze - a constante intercessão com cineastas, pintores e literatos. Deleuze nos mostra, por meio de seus estudos, como a arte em sua relação privilegiada com o tempo, permite ao artista/pensador/ atingir os diversos mundos e pontos de vista que o constituem, demonstrando, assim que a obra de arte revela um processo que, ao menos inicialmente, é imperceptível àqueles que os vivenciam. Gilles Deleuze costumava dizer que não escrevia, propriamente, sobre arte, mas reservou à arte um campo de investigação. E cria o conceito de “percepto”, definido, por ele próprio, em entrevista a Claire Parnet: “Há os conceitos, que são a invenção da filosofia, e há os perceptos que fazem parte do mundo da arte.” O que são perceptos? O artista é uma pessoa que cria perceptos. Por que usar esta palavra estranha em vez de percepção? Porque perceptos não são percepções. O que busca um escritor, um dramaturgo, um pintor ou um romancista? Deleuze acredita que o artista busca construir um conjunto de percepções e sensações que vão além daqueles que as sentem. Mudanças de percepção do mundo.

Essa parte do artigo irá se concentrar no estudo do livro, *Lógica da sensação*, de 1981. Deleuze empreende uma análise filosófica da obra do pintor Francis Bacon para mostrar como as pinturas carregam diferentes modos de pensar. Na sua pintura encontra-se um determinado exercício do pensamento caracterizado por procedimentos que neutralizam o caráter narrativo ou representativo da pintura. Deleuze nos mostra como o artista irlandês desenvolve uma problemática em que privilegia a Figura em detrimento à figuração - forma predominante ao longo da história da pintura. A figuração diz respeito exatamente a uma concepção ligada ao modo de pensar representacional. Ocorre quando as figuras e elementos da composição de uma tela se dispõem de forma a representar uma história, a ilustrar uma narrativa. Ao contrário, privilegiar a Figura seria, isolá-la, fazendo com que seja rompido o limite representativo. Assim, o que parece estar sempre em evidência na obra de Bacon é a liberação da pintura de um caráter representativo. Bacon

tinha plena noção de que alguns dos maiores quadros haviam sido pintados desse modo, e reconhece a sua importância, porém a questão que incomodava Bacon é que a narrativa ou a representação pareciam impedir a pintura de agir por si mesma. Do ponto de vista de Bacon, o papel mais importante de qualquer forma de arte, trata-se fundamentalmente de captar e evidenciar forças. O trabalho do pintor seria tornar visíveis as diferentes forças que agem nos corpos, modificando-os. Desse modo, ao pintar, o artista capta forças que não são necessariamente forças picturais, na medida em que elas violentam os corpos e, por conseguinte, a percepção e o pensamento. Daí o fato das figuras retratadas por Bacon serem constantemente deformadas: por meio delas o pintor não deseja mostrar uma imagem do mundo real, sonhado ou imaginado, mas deseja mostrar uma sensação. A tarefa da pintura é definida como a tentativa de tornar visíveis forças que não são visíveis.

O problema de Bacon trata-se de descobrir como é possível captar forças, enfim como retratar, por exemplo, o calor de uma determinada paisagem: mostrar o calor efetivamente agindo sobre os corpos, isto é, provocando sensações. Deleuze cita a pintura de Paul Cézanne que foi capaz de retratar diversas sensações em suas pinturas. Esse é o interesse de Bacon, pintar sensações, pois existe uma grande diferença entre representar uma cena e captar sensações produzidas por forças que não vemos. A sensação é aquilo que age diretamente no sistema nervoso, violentando o pensamento. Isto significa que a violência provocada pela sensação seria muito mais intensa do que qualquer violência representada em uma tela. A partir do momento em que há representação, perde-se toda a violência original produzida pela própria força, violência capaz de coagir o corpo ou o pensamento. Deleuze nos mostra então, como Bacon capta, em seus quadros, essa violência original provocada pelas sensações. É o que observamos, por exemplo, nas telas dos papas gritando, onde as figuras se encontram isoladas. Pintar o grito, mais do que o horror, é pintar a sensação própria ao grito, captar as forças que impelem a figura ao grito, forças que não são representativas de uma determinada cena. E é justamente o fato de não conseguir vê-las que as tornam ainda mais aterrorizantes. No entanto, a questão das forças e das sensações na pintura de Bacon levanta outra problemática importante - a relação que a arte entretém com o movimento e, ou, com o tempo. Ao pintar as forças, Bacon parece privilegiar o tempo em detrimento do movimento. O movimento seria justamente aquilo que é representado em uma tela, o que se passaria de um personagem a outro, de um objeto a outro, ou até mesmo em um único personagem ou objeto. A representação se utilizaria do movimento para, desse modo, ilustrar ou contar uma determinada história. Mas, para Deleuze, existiria algo ainda mais profundo que o movimento que é observado na figura que permanece imóvel e isolada. Se existe ainda alguma espécie de movimento nas figuras de Bacon, pode-se dizer que esse movimento não é um “movimento-representacional”, e sim um “movimento mudança”. Existe algo acontecendo com, e na figura. É perceptível o desenrolar de um movimento na tela, mas de um movimento que atesta as modificações sofridas pela figura em função das forças que agem sobre ela ao longo do tempo. O que

interessa à Bacon não é necessariamente o movimento, e sim o movimento como função do tempo.

Em relação à literatura, vale mencionar *Proust e os signos* (1964/2006) em que Deleuze busca analisar *Em busca do Tempo perdido*. A questão de Proust é a problemática do tempo. Deleuze nos mostra como o escritor francês constitui sua obra destituído dos pressupostos observados no pensamento representacional. No romance, Proust utiliza todos os recursos para a personagem partir em busca de verdades que serão reveladas por meio de um percurso, que em última instância, levará a constituição de sua própria obra de arte. A personagem-artista se depara com diferentes tipos de signos e pouco a pouco, desdobra a si próprio, isto é, se descobre, redescobre ou inventa as verdades que se encontram implicadas em seu próprio devir. Na trajetória de sua vida, os signos irão traçar uma relação essencial com o tempo. Tal relação se encontra expressa em todo o romance, e até mesmo nos próprios títulos e subtítulos da obra como, por exemplo, tempo perdido e tempo recuperado. Em busca do tempo perdido apresenta não somente uma concepção plural do signo, mas igualmente uma concepção plural do tempo que se contrapõe a uma concepção puramente cronológica. Deleuze nos mostra quatro tipos de signos – mundanos, amorosos, sensíveis e artísticos – e observa igualmente, quatro linhas ou variações do tempo - tempo perdido, tempo que se perde, tempo redescoberto e tempo original ou absoluto. A cada tipo de signo corresponde uma linha privilegiada de tempo. Por exemplo, os signos mundanos participam mais ativamente de um tempo que se perde - por serem signos vazios, denotam um tempo que o personagem “desperdiça” em seu percurso. Cabe ressaltar, que os tempos inerentes aos signos mundanos, amorosos e sensíveis são inseparáveis da trajetória, de aventuras vividas pela personagem. Fazem parte dos movimentos realizados pela personagem nos vários ambientes sociais, o que poderia nos levar a pensar no privilégio do movimento, o perambular do artista, mas o ponto principal é a descoberta do tempo. No entanto, se os signos mundanos, assim como todos os outros, possuem suas verdades, e por isso são essenciais no trajeto da personagem, essas verdades somente serão reveladas à *posteriori*, num tempo redescoberto.

Dito isto, Deleuze quer sublinhar aquilo que o escritor francês já havia mostrado com perfeição - que toda e qualquer verdade é uma verdade do tempo e no tempo. Afirmam um modo de pensar que se contrapõe ao pensamento representacional que busca verdades fora do tempo - a verdade necessita de tempos singulares para emergir. O filósofo confere certo privilégio aos signos artísticos, já que eles são capazes de revelar a essência do artista, da sua trajetória e da própria arte. Os outros signos possuem uma importância parcial na medida em que conduzem o artista, passo a passo, aos signos essenciais da arte. Isto também se verifica em relação às linhas do tempo - há um tempo absoluto ou original correspondente aos signos da arte. Tal tempo, possui certo privilégio em relação às outras linhas do tempo. Mas, se cada signo participa “mais ou menos” de todas as linhas do tempo, é justamente porque cada linha reage sobre as demais, revelando verdades

que não seriam acessíveis ao artista caso o aprendizado não envolvesse todos os signos e todos os tempos. É por isso que o tempo, em específico, o tempo original, possui um privilégio em relação às demais linhas do tempo, pois estas quase se confundem com os diversos movimentos-mundos vividos pelo artista. Já o tempo original é o tempo absoluto da obra de arte, o tempo “complicado” que contém todos os outros, que reage sobre todos os demais, revelando as verdades dos signos mundanos, amorosos e sensíveis, verdades até então desconhecidas pelo artista que, no momento em que sofria a ação desses signos, acreditava estar simplesmente “perdendo tempo”. É no tempo absoluto da obra de arte que todas as outras dimensões se unem e encontram a verdade que lhes corresponde. Os círculos da obra, se desdobram, então, segundo linhas do tempo, verdadeiras linhas de aprendizado; mas, nessas linhas, interferem uns nos outros, reagem uns sobre os outros. A arte torna-se uma espécie de dobra dos signos e dos tempos vividos, tornando visível um tempo singular absoluto que lhe é inerente e que, apesar de inseparável dos demais tempos-movimentos, possui a potência paradoxal da essência, de um tempo irrepresentável.

É interessante notar como a discussão acerca das relações existentes entre a arte, o movimento e o tempo continuará nas obras de Deleuze, *A Imagem-movimento* e *A imagem-tempo*, de 1983 e 1985. Em ambos os livros, o filósofo utiliza conceitos da filosofia de Henri Bergson: movimento e tempo para estabelecer uma classificação das imagens e dos signos observados nos cinemas clássico e moderno. Em *A imagem-movimento* o filósofo nos mostra como a principal característica dessas imagens é justamente prolongar a percepção em movimentos ou ações. Do ponto de vista de Deleuze, o período inicial do desenvolvimento do cinema seria de fundamental importância na medida em que operava com um tipo ou tipos de imagens que privilegiavam signos de caráter predominantemente sensório-motores cuja propriedade fundamental seria traduzir-se imediatamente em estímulos motores. A consequência disto é que os diferentes tipos de imagem-movimento (imagem-percepção, imagem-ação, imagem afecção) atingem o pensamento de forma apenas indireta, já que elas privilegiam a reapresentação ou representação de clichês ou situações sensório-motoras, exigindo do pensamento somente o seu reconhecimento. Seria basicamente uma situação de estímulo-resposta em que o pensamento jamais chega a ser efetivamente confrontado ou abalado. Deleuze nos mostra, então, como o cinema passa a exigir cada vez mais do pensamento, ou exigir cada vez mais pensamento, provocando assim o colapso das imagens-movimento.

Na passagem do cinema clássico para o cinema moderno observa-se uma modificação no caráter técnico ou experimental do cinema. Com isso, um novo tipo de imagem se torna possível, uma imagem que privilegia uma nova espécie de signo. Não mais signos sensório-motores. O que constitui essa imagem é a situação puramente ótica e sonora que substitui as situações sensório-motoras enfraquecidas. Ao contrário do cinema clássico de ação, o cinema moderno exprime uma preferência por temas banais e cotidianos, situações em que os liames ou vínculos sensório-motores se apresentam cada

vez mais enfraquecidos ou difusos. Distante dos esquemas que exigiam do pensamento simplesmente um reconhecimento, o pensamento agora se vê confrontado. As situações óticas e sonoras puras violentam o pensamento, na medida em que a percepção é agora impedida de se prolongar em uma ação, isto é, de apresentar uma resposta motora à imagem.

No cinema moderno, as personagens vivem situações que constantemente extrapolam a sua capacidade de agir, deixando-as inertes. No entanto, essa diminuição em sua capacidade de agir, acarreta um aumento em suas capacidades de ouvir e de ver. As personagens são submetidas à visões que invariavelmente não podem se furtar. Quando se esgotam as respostas clichês decorrentes de esquemas previamente elaborados, não há mais como escapar do cotidiano, isto é, deixar de percebê-lo em toda sua beleza ou miséria - cinema de vidente mais do que cinema de ação. Se o cinema clássico apresentava uma montagem que privilegiava os cortes “racionais”, isto é, cortes que nos davam uma impressão de continuidade entre as imagens, o cinema moderno se caracteriza, ao contrário, por cortes “irracionais”. O que observamos agora são quebras que rompem o encadeamento ou a linearidade das imagens. É como se a percepção pudesse agora, efetivamente, captar a imagem em si, não mais a violência da história, mas a própria violência da imagem, tal qual nos quadros de Bacon. Isto se deve à maneira como esses signos se encontram articulados ao tempo. No cinema clássico, o tempo era apresentado simplesmente em função do movimento, pois a relação intrínseca existente entre os signos sensório-motores e o encadeamento das imagens permitia apreender um tempo predominantemente cronológico, linearmente pensado enquanto variações de um presente. Dir-se ia, o presente de uma imagem atual, decorrente de uma imagem passada, e que por sua vez, origina uma imagem futura. Porém, a partir do momento em que as situações óticas e sonoras puras do cinema moderno provocam um enfraquecimento das relações existentes entre a percepção e as situações sensório-motoras, o que se verifica no cinema moderno, é justamente o tempo absoluto. Cada uma delas não somente coexiste com as demais, mas reage sobre todas as outras. O tempo é apresentado então, em sua forma direta, e não mais representado em razão do movimento - imagem-tempo e não mais imagem-movimento.

Tomando como ponto de partida alguns conceitos fundamentais da filosofia de Bergson, a exemplo dos conceitos de atual e virtual, Deleuze nos mostra de que modo o cinema moderno e seu conseqüente desenvolvimento de uma imagem-tempo se encontra articulado à concepção de um tempo não cronológico. Uma das principais teses bergsonianas acerca do tempo é provavelmente a de que o passado se conserva em si próprio. Ao contrário de uma concepção puramente cronológica do tempo, em que o passado é pensado simplesmente como um presente que passou, isto é, como um presente que avança em direção a um futuro, Bergson nos apresenta a ideia de um passado que coexiste com o presente ou, mais ainda, de um passado virtual que coexiste com seu

presente atual. É importante lembrar que os conceitos de atual e virtual em Bergson não exprimem, de modo algum, uma relação de oposição ou contradição. Sabemos que na concepção cronológica do tempo, o passado não existe propriamente, não possui uma natureza real. O que existe são presentes que se sucedem, sendo que o futuro também é uma mera possibilidade, na medida em que ele pode ou não vir a acontecer. Entretanto, em Bergson, o virtual é tão real quanto o atual, ele comporta tanta realidade quanto o atual. Ora, se o virtual é real, é porque efetivamente existe. E se o passado é uma virtualidade que pode ou não ser atualizada, isto significa dizer que possui uma existência em si, que comporta uma realidade própria, independentemente de um presente no qual ele poderia se atualizar. A afirmação bergsoniana de que o passado se conserva em si mesmo diz respeito, em última instância, a este fato: o passado existe de forma concreta, ele é uma realidade, e por ser real, coexiste com o presente. Em Bergson o tempo não se desdobra somente de forma sucessiva, e sim de forma simultânea. A tese de Bergson sobre o tempo apresenta-se assim: o passado coexiste com o presente que ele foi; o passado se conserva em si, como passado em geral (não-cronológico), o tempo se desdobra a cada instante em presente e passado, presente que passa e passado que se conserva.

A partir do momento em que os signos óticos e sonoros puros destituem as situações sensório-motoras, impedindo que as imagens sejam percebidas enquanto uma sequência cronológica de eventos, tornam-se capazes de apresentar o tempo em seu estado puro. Deleuze denominará este tipo de imagem - imagem-cristal. Uma imagem na qual é possível perceber a simultaneidade existente entre as diversas linhas do tempo. Devemos ressaltar que a imagem-cristal não é de forma alguma o tempo, e sim um tipo de imagem que permite visualizar o tempo em seu estado puro. Com o conseqüente rompimento de uma percepção cronológica, o passado deixa de ser captado somente como passado de um novo presente. Assim, o tempo se apresenta em toda a sua complexidade, pois agora se pode observar não somente dois passados, como também dois presentes: um presente atual, e um presente que parte em direção ao futuro. Já vimos que o presente se define em função do atual, isto é, que sua natureza é o puro devir. É como se o presente atual não pudesse se separar do passado que ele atualiza - coexistem no tempo simultaneamente. No entanto o presente é devir, ou seja, ele se atualizará novamente e irá trazer uma nova série do passado, com a qual coexistirá simultaneamente - tornando-se o novo presente atual com sua respectiva imagem virtual correlata. O que observamos aqui são as séries do tempo se desdobrando. Um presente atual com seu passado virtual coexistente, seu passado particular e um presente em atualização que transformará o passado particular anterior em um passado geral. O que constitui a imagem-cristal é a operação mais fundamental do tempo, já que o passado não se constitui depois do presente que ele foi, mas ao mesmo tempo. É preciso que o tempo se desdobre a cada instante em presente e passado. E o presente se desdobra em duas direções heterogêneas, uma se lançando em direção do futuro e a outra no passado - dois fluxos dissimétricos. O tempo consiste nessa cisão que se vê na imagem-cristal.

É comum nos depararmos com a ideia de que o passado constitui simplesmente uma lembrança psicológica. Afinal, se somente o presente é real, se o passado não comporta uma realidade, não haveria como o passado se conservar a não ser através de uma memória psicológica. Além disso, essa lembrança é, em regra, compreendida enquanto uma região “interior” cuja localização se atribui ao cérebro. Disso decorre a ideia de que o tempo é constituído por essa experiência interior subjetiva que seria constante acúmulo de memórias decorrentes da sucessão cronológica dos presentes. No entanto, se levamos em consideração a concepção bergsoniana do tempo, o passado comporta tanta realidade quanto o presente: ele se conserva em si próprio. Existe efetivamente um “Ser do passado” ou um “Ser da memória”, que permanece no tempo, independentemente de sua possível atualização em um presente. A existência de um Ser do passado ou de um Ser da memória implica a possibilidade de existência de uma lembrança pura, não mais meramente psicológica, e sim ontológica. Uma ontologia do tempo. Esse fato acarreta uma consequência extremamente importante, na medida em que o tempo agora nos é exterior. Deleuze nos mostra inclusive como a experiência que possuímos do tempo, essa memória psicológica que denominamos de uma experiência “interior” já é derivada desse tempo em estado puro, ontológico. Esse é justamente o conceito de “duração”, tal qual pensado por Bergson - a experiência que possuímos desse tempo absoluto. A memória psicológica é decorrente, na verdade, de um salto nesse Ser da memória que é o tempo. Saltamos realmente no ser, no ser em si, no ser em si do passado. Trata-se de sair da psicologia; trata-se de uma Memória imemorial ou ontológica. É somente em seguida, uma vez dado o salto, que a experiência vai ganhar pouco a pouco uma existência psicológica: “de virtual, ela passa ao estado atual”. Fomos buscá-la ali onde ela está, no Ser impassível, e damos-lhe pouco a pouco uma encarnação, uma “psicologização”. O tempo não cronológico é esse tempo em que coexistem de forma simultânea um passado puro, lembrança absoluta e um presente que se atualiza em forma de um passado individual, mas em constante devir (presente que atualiza um passado puro).

Alguns filmes realizados permitem-nos aprofundar essas considerações. *Empire*, de Andy Warhol que foi exibido na exposição do artista americano na Pinacoteca do Estado de São Paulo, produzido em 1964, apresenta o agora novamente mais alto edifício nova iorquino: Empire State Building. Enquadrado no centro da tela, a imagem “imóvel”, o filme silencioso (mudo) por oito horas e cinco minutos não apresenta, à primeira vista nenhum movimento, nenhuma mudança, nenhuma diferença entre os sucessivos fotogramas, mas apenas o icônico monumento arquitetônico protagonizando monoliticamente a cena e estabelecendo o que parecia ser o império do idêntico e do imóvel em flagrante contraste com a agitação incessante da cidade. Com o tempo, entretanto, nota-se, ainda que com dificuldade, o passar da tarde, o diminuir das luzes, a luz natural sendo substituída pela luz artificial da grande metrópole com a chegada da noite. Tudo acontece de modo lento, praticamente imperceptível. Warhol aprofunda essa sensação ao estender o tempo do filme,

exibindo-o numa velocidade de 16 quadros por segundo, mais lenta do que aquela em que foi feita a única e interminável tomada; 24 quadros por segundo. Desse modo, o próprio dia parece não passar. Com um pouco mais de esforço é possível ainda observar uma luz que pisca no alto de um prédio vizinho, marcando a passagem do tempo. O invisível tornava-se, assim, visível. O aparentemente perene passava.

O pensamento de Deleuze conclui que, longe do que se costuma pensar habitualmente, não é o tempo que é interior ao homem, e sim, o homem que se move no interior do tempo. A subjetividade é, na verdade, uma dobra do tempo. Repetidas vezes se reduziu o Bergsonismo à ideia de que a duração seria subjetiva e constituiria nossa vida interior, Bergson precisou se expressar assim, ao menos no começo, contudo irá pensar algo bem diferente: a única subjetividade é o tempo, o tempo não-cronológico apreendido em sua fundação. O tempo não é interior em nós, o tempo é justamente o contrário, a interioridade na qual estamos, nos movemos, vivemos e mudamos. Proust saberá dizer que o tempo não nos é interior, mas somos nós, interiores ao tempo que se desdobra, que se perde e se reencontra em si mesmo, que faz passar o presente e conservar o passado. Subjetividade e Tempo - vimos como as intercessões com Bacon, Proust e Bergson levaram Deleuze a sublinhar a existência de dois planos, um ligado aos movimentos do sujeito em sua trajetória existencial, trajetória cheia de ações-sensório-motoras- levando-o a habitar mundos variados e tornando o sujeito cheio de lembranças psicológicas e outro plano em que os movimentos se paralisam revelando uma temporalidade para além do tempo cronológico, retomando a problemática da essência, sem desfazer-se dos movimentos vividos. Estes dois planos revelam também a existência de duas concepções de subjetividade: uma que considera o tempo interior ao sujeito, constituindo ou dando-lhe uma história pessoal representada pelas lembranças e dando-lhe a impressão que a duração é subjetiva, e outra na qual o sujeito ou subjetividade é o próprio tempo. Nesse caso, o sujeito é constituído no tempo e pelo tempo enquanto produto de forças invisíveis virtualmente reais.

Para concluir, não é o sujeito que explica a essência, é, antes, a essência que se implica, se envolve, se enrola no sujeito. Mais ainda, a essência enrolando-se sobre si mesma, constitui a subjetividade. Não são os indivíduos que constituem os mundos, mas os mundos envolvidos que os constituem. Esses mundos que, sem a arte, jamais conheceríamos. Logo, a experiência da obra de arte proporciona ao artista um salto ou uma experiência nesse tempo desdobrado em suas várias linhas coexistentes, uma visão do tempo em seu estado puro. Atinge diversos mundos, diferentes verdades que concernem a própria vida. Ao conceber a vida como acontecimento que se produz como um devir, Deleuze nos desafia com categorias não estabelecidas a priori - os acontecimentos são singulares e não previstos em um modelo no qual tudo está definido. Não se imita, pois, ao criar. O que acontece é abertura para outros processos que não o idêntico. Como vimos, a filosofia de Deleuze trata-se de uma filosofia do acontecimento, da multiplicidade. Suas

ideias e conceitos rompem com a filosofia do sujeito, da consciência e da representação incitando-nos a produzir espaços de criação. Deleuze nos convida a experimentar ideias, mas experimentar com Deleuze, implica em não fazer alianças permanentes. Assumir a potência do pensamento, pois um pensamento é tanto mais criativo quanto menor for seu abrigo.

Ao analisar a filosofia de Deleuze, lidamos com uma internalidade em que se procura, não o tempo dado pela continuidade, mas o tempo aberto pela atualidade, sem categorias determinadas na qual o sujeito torna-se diferente do que é, sendo ele mesmo. Não interessa criar modelos, impor soluções. O que importa é estabelecer rizomas, conexões entre as coisas, e não a preocupação com uma falsa totalidade. Deleuze nos provoca com a ideia de que o pensamento não tem uma natureza, pensamento é potência que precisa de um encontro. O pensador precisa de um interlocutor e o conceito surge a partir de um encontro com algo que nos afeta. Conhecer é pensar e criar conceitos, algo inventado, criado e que opera no âmbito de certas condições. Força ativa em um mundo reativo - as forças ativas são as forças criadoras e as forças reativas, as forças de conservação. Como intercessores, a condição é não se refugiar na “reflexão sobre”, mas operar, criar, experimentar, sem a atitude de “discutir conceitos já estereotipados.” Deixar emergir as multiplicidades e experimentações. Finalmente, a arte e a filosofia criam novos conceitos para que surjam novas questões que transtornam os pressupostos comuns. O pensar artisticamente produz sensações: perceptos e afectos - o artista altera, abre novos campos de experiência, novas possibilidades. É atividade que faz o homem escapar ao estabelecido. A arte é um caso de devir.

REFERÊNCIAS

ABREU, Ovídio. Debates sobre a Filosofia de Gilles Deleuze nas aulas ministradas no Curso de Especialização em Arte e Filosofia - PUC-Rio de Janeiro, 2015.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afeto 116

Américas 88, 189, 254, 259, 266

Arquitetura 14, 16, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 55, 56, 57, 74, 152, 154, 160, 201, 202, 203, 205, 206, 210

Arte Brasileira 12

Arte Conceitual 12, 14, 16, 18

Arte Contemporânea 12, 14, 16, 17

Avaliação 19, 20, 21, 22, 25, 26, 67, 94

C

Cartografia Histórica 59, 61, 62, 72

Charles Darwin 147, 148, 159, 160, 161, 162, 163

Ciência Medieval 211, 212

Conflitos 92, 93, 95, 96, 113, 134, 145, 255, 259, 260, 264

Continuísmo 211

Contradição 1, 3, 4, 5, 11, 31, 126, 185

Cultura Material 101, 103, 104, 105, 114, 291

D

Deleuze 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129

Demarcação 30, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 169

Down House 147, 148, 149, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163

E

Ecletismo 47, 48, 49, 50, 51

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 18, 20, 26, 28, 35, 37, 38, 56, 130, 133, 142, 144, 145, 165, 166, 167, 176, 181, 187, 213, 244, 257, 317

F

Filosofia 5, 8, 36, 37, 75, 116, 129, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219

Filosofia Natural 211, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219

H

Hardware 199, 207, 208

História 8, 12, 19, 20, 26, 28, 38, 57, 59, 74, 75, 92, 93, 99, 101, 114, 116, 130, 131, 132,

144, 145, 146, 153, 160, 162, 163, 176, 178, 184, 187, 188, 189, 199, 209, 211, 212, 213, 214, 217, 219, 220, 232, 234, 235, 236, 238, 241, 245, 246, 252, 266, 267, 317

História Ambiental 59

História da Ciência 211

História da Computação 199

História da Educação 10, 28

História Indígena 130, 132, 145

Historiografia 29, 132, 153, 211, 212, 214, 219, 220, 221, 234, 238, 255

Humanismo 1

I

Idade Média 182, 188, 211, 212, 213, 214, 217, 218, 220, 224, 225, 228, 236, 246, 248, 249, 250

Identidade 49, 57, 101, 102, 103, 104, 105, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 120, 138, 144, 145, 147, 149, 151, 152, 154, 155, 161, 162, 190, 213, 223, 238, 242, 257, 259, 265, 266, 267

Imigração Italiana 101, 103, 107, 114

Imprensa 28, 29, 39, 40, 43, 69, 176, 221, 230, 254, 255, 256, 257, 258, 266

Interdisciplinaridade 12, 19, 21, 22, 25, 26, 153, 165, 166

J

José de Alencar 189, 194, 195

Justiça Ecológica 77

L

Linguagem 16, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 52, 53, 56, 57, 189, 190, 191, 192, 195, 196, 198, 204, 205, 206, 209, 252, 256

Literatura 13, 14, 123, 133, 136, 137, 185, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 198, 217, 236, 241, 251

Lógica Difusa 19, 22, 23, 24, 25

M

Mata Atlântica 59, 74

Memória 37, 49, 57, 101, 103, 104, 105, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 118, 127, 139, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 163, 164, 202, 203, 204, 207, 208, 238, 317

N

Natureza 12, 14, 15, 17, 34, 59, 74, 117, 118, 119, 120, 126, 129, 141, 148, 168, 189, 190,

191, 192, 193, 197, 198, 213, 214, 215, 217, 218, 264

P

Paisagem Histórica 59

Paulo Freire 1, 2, 5, 7, 8, 11

Plataforma Sucupira 20, 21, 25, 26

Poder 3, 5, 6, 11, 17, 36, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 49, 64, 66, 69, 74, 77, 79, 80, 82, 86, 87, 96, 97, 98, 99, 105, 113, 117, 120, 151, 152, 168, 180, 185, 201, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 256, 257, 261, 266, 270, 271, 281, 282, 291, 292, 294, 304, 305, 311, 313, 315

Programas de Pós-Graduação 19, 20, 21, 24, 25

Propaganda 28, 30, 39, 40, 41, 42, 43, 45

Q

Queenship 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231

R

Rainhas 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229

Realeza 153, 166, 220, 227, 228, 246

Realidade 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 22, 35, 42, 43, 97, 98, 119, 126, 127, 134, 146, 154, 155, 180, 191, 192, 203, 205, 223, 228, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 257, 261, 264

S

SAT 232, 236, 237, 238, 239, 240

Saúde Mental 77

Sociedade 5, 6, 9, 10, 11, 16, 20, 21, 24, 29, 34, 45, 46, 49, 60, 75, 92, 104, 107, 111, 117, 119, 132, 137, 144, 146, 151, 152, 154, 178, 184, 185, 186, 192, 193, 198, 235, 236, 241, 242, 244, 251, 256, 257, 263, 265

Software 62, 199, 202, 206, 207, 208

T

Tempo 8, 10, 13, 15, 34, 35, 52, 53, 55, 56, 59, 72, 75, 97, 103, 108, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 132, 136, 137, 140, 145, 150, 155, 157, 160, 168, 170, 175, 185, 186, 187, 190, 195, 204, 206, 210, 213, 217, 222, 225, 227, 228, 229, 232, 233, 234, 235, 238, 240, 249, 250, 260, 261, 262, 264

Terras Indígenas 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 143, 144, 145

Testemunho 77, 184

U

Urbanismo 307, 308

V

Vedānta 232, 233, 236, 240

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br